

3

Gênero discursivo

Em termos teóricos, entender as características de gêneros discursivos tornou-se uma questão essencial para este estudo, pois, como observou Ramos (capítulo 2), a análise da situação-alvo juntamente com a análise de gênero adquiriram importância no ensino de inglês para fins específicos. Segundo Bonini (2004), para se definir gênero precisa-se considerar duas questões: a) Que elemento central é tomado pelos estudiosos para definir gênero? b) Quando optamos por um dos conceitos (tipo de texto, de turno, de enunciado, de ação de linguagem ou de ritual), que aspecto está sendo descartado?

Após levantamento realizado por Bonini de argumentos de diversos estudiosos conceituando gênero, pode-se estabelecer dois grupos: um onde se pode visualizar uma unidade caracterizada e outro onde esta visualização não é possível. Dentro do primeiro grupo, a estrutura textual é o elemento principal e o gênero passa a ser um tipo de texto característico.

Pode-se observar que, apesar das definições não serem evidentes, elas remetem a três termos que podem ocupar o centro do conceito de gênero, a saber: enunciado / ação de linguagem, texto e ritual.

O primeiro conceito está presente nos trabalhos de Bakhtin, Swales e Bhatia. Aqui, “a unidade caracterizada corresponde a uma ação de linguagem realizada sobre um interlocutor” (Bonini, 2004: 8). O foco está na unidade de interação, no conteúdo intencional de um indivíduo.

No segundo, encontra-se Biber, Meurer, Bronckart e Bonini, para os quais gênero é compreendido como um tipo de texto, i. e., uma organização cognitiva, produzida em um meio social. O texto é visto como uma unidade de comunicação, “uma unidade de sentido no fluxo das interações humanas” (Bonini, 2004: 12).

Os trabalhos de Maingueneau são situados no terceiro grupo, onde o gênero é considerado como uma forma de linguagem ritualizada. O foco passa para a atividade. Neste caso, o gênero pode ser visto como um agrupamento de enunciados, pois a noção de ritual não está vinculada ao ato individual, como estão a de enunciado e a de texto.

Para Marcuschi (2003), gêneros são eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem a partir de necessidades, atividades sócio-culturais e inovações tecnológicas. Caracterizam-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais.

Não há como formular uma única definição para gênero discursivo. Existem diferenças significativas entre os teóricos sobre como os gêneros devem ser descritos e o que significa aplicar o estudo de gêneros na sala de aula. Na verdade, o conceito de gênero tem gerado inúmeras pesquisas relacionadas ao ensino tanto de língua materna quanto de língua estrangeira. Para tentar entender as tradições de pesquisas nesta área de estudos, bem como suas implicações no ensino de línguas, deve-se examinar diferentes abordagens de gênero, especialmente três das principais correntes de pesquisa, as quais têm suas origens em países de língua inglesa, a saber: a) ESP (Inglês para Fins Específicos), b) Nova Retórica Norte-Americana, c) Lingüística Sistêmico-Funcional Australiana (Sydney School). Os detalhes da abordagem ESP encontram-se no capítulo 2 deste estudo.

Dentro da abordagem ESP, o gênero é um instrumento para analisar e ensinar tanto a língua escrita quanto a oral a falantes não-nativos em contextos profissionais e acadêmicos. Dentro desta teoria, conceitua-se gênero como tipos de textos orais ou escritos definidos tanto por suas propriedades formais quanto por seus propósitos comunicativos dentro de contextos sociais.

O primeiro autor e mais importante e produtivo proponente da escola ESP é Swales, de acordo com Ann Johns (2002, p.7). Swales (2004) descreve gêneros como eventos comunicativos que se caracterizam por terem propósitos comunicativos. Estes propósitos e o papel do gênero dentro de seu ambiente levam a características textuais específicas. Observa-se, assim, uma preocupação com a função social e a forma.

Entretanto, estudiosos de ESP têm priorizado as características formais de gêneros e se detendo menos nas funções específicas dos textos e de seus contextos sociais. Essa priorização formal tem relevância para a presente pesquisa se levarmos a abordagem de gêneros para o ensino.

De acordo com Ann Johns (2002), há tensões intelectuais na conceituação e aplicação do termo gênero. A principal advém de visões teóricas divergentes: se

a teoria está calcada em estruturas da língua e do texto ou se provém de teorias sociais de contexto e comunidade. Dentro da primeira visão, inclui-se os teóricos de Sydney School (corrente australiana) e ESP. Dentro da segunda, encontram-se os teóricos da Nova Retórica.

No contexto australiano, diz Frances Christie (1999, p.759), a teoria de gênero utilizada baseia-se na teoria lingüística sistêmico-funcional articulada por Halliday, e desenvolvida por Hasan, Martin e Mathiessen. A língua é sistêmica porque oferece sistemas de escolhas lingüísticas que envolvem o usuário da língua assumindo diferentes papéis e conseqüentemente construindo diferentes significados.

A língua é funcional porque sua organização fundamentalmente mostra seus propósitos. Sua natureza funcional pode ser teorizada através de três metafunções: a) a ideacional (experiências representadas ou construídas dentro da língua; b) a interpessoal (a relação entre as pessoas ao usar a língua) e c) a textual (organização da língua como mensagens coerentes). Portanto, quando as pessoas usam a língua, elas fazem escolhas dentro do sistema lingüístico e constroem significados através de funções, as quais mostram as finalidades, os propósitos da comunicação.

Na teoria sistêmico-funcional, a língua é compreendida como um texto, i.e., qualquer fragmento significativo que possua um propósito social. Texto e contexto estão intimamente relacionados: o texto é conhecido porque o contexto lhe dá vida; o contexto é conhecido porque o texto o realiza.

Pesquisadores da corrente Nova Retórica conceituam e analisam o gênero de modo diferente do conceito encontrado na corrente ESP, pois enfocam mais os contextos situacionais onde os gêneros ocorrem do que sua estrutura. De acordo com Freedman (1999, p.764), gêneros são ações tipificadas produzidas como resposta a um contexto social recorrente. Além disso, dão ênfase aos propósitos sociais, ou *ações*, realizadas pelos gêneros dentro das situações.

Miller (1994, p.24), em seu artigo “Gênero como ação social”, argumenta que “uma definição de gênero teoricamente perfeita deve estar centrada não na substância ou na forma de discurso, mas na ação para a qual o gênero é usado para realizá-la.” (tradução minha). O gênero é entendido como ação social e resposta a exigências contextuais. Há uma associação entre forma e atividade: as

regularidades nos tipos de discurso somam-se às regularidades das atividades desempenhadas pelas pessoas.

Ainda citando Miller (1984 *apud* Freedman & Medway, 1994) compreender gênero como ação social nos faz entender melhor as situações nas quais nos envolvemos; gêneros servem como chaves para compreender como participar de ações de uma comunidade.

Pode-se observar que tanto a Nova Retórica quanto a Lingüística Sistêmico-Funcional reconhecem a importância do social para compreender os gêneros e seus papéis no contexto. Entretanto, há diferenças implícitas na teorização (Freedman & Medway, 1994). A análise Sistêmico-Funcional explica as características textuais usando os esquemas de análise de Halliday, enquanto a Nova Retórica objetiva desvendar as relações complexas existentes entre texto e contexto. Ao contrário da escola de Sydney, a qual imprime uma visão estática de gênero, a teoria norte-americana enfatiza a dinamicidade dos gêneros.

Os pesquisadores da corrente de Sydney School concebem seu projeto como promovendo mudança social; fato ausente na corrente norte-americana, onde os autores tendem a ser descritivos, com inclinação a aceitar o *status quo* sem criticar: “reproduz o discurso da classe dominante no seu lugar de pesquisa e gasta pouca energia estudando possibilidades para analisar, resistir e revisar” (Freedman & Medway, 1994).

Bazerman (2005), seguidor da linha da nova retórica, advoga que através do uso de textos, organizamos nossas ações diárias, criamos significações e fatos sociais num sistema de atividades que encadeia as ações discursivas. Portanto, o gênero não pode ser definido apenas como um conjunto de traços textuais, ignorando o papel dos indivíduos na construção de sentido. Gêneros são práticas sociais, os quais surgem dentro de uma situação.

3.1

Gênero discursivo segundo Bakhtin

Um nome expoente dentro de gênero discursivo é Bakhtin. Seu trabalho influenciou bastante o estudo de gêneros norte-americano. Para ele, a unidade fundamental de análise é o enunciado, o qual é socialmente definido em relação ao enunciado de outros falantes. O papel do outro é muito importante. “Os outros

... não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal” (Bakhtin, 2000, p.320). Observa-se ênfase no *dialogismo* e na *expressividade* (*addressivity*) do discurso no sentido de prever a resposta do leitor / ouvinte e em responder a conversas textuais mais longas.

Bakhtin enquadra os gêneros discursivos em duas classes: os gêneros *primários* (nos instrumentalizam, surgem no nosso dia-a-dia, tais como, a conversa telefônica, o bate-papo, o e-mail, etc.) e os gêneros *secundários* (elaborados pelo código cultural, são construídos, não são espontâneos, tais como, o romance, o editorial, o artigo científico, etc.).

Além disso, Bakhtin aponta três aspectos que caracterizam os gêneros em geral: o *conteúdo* ou seleção de temas (esfera social); o *estilo* ou escolha dos recursos lingüísticos (função/necessidade temática); e a *construção composicional* ou formas de organização textual (intenção do locutor).

“Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.” (Bakhtin, 2000, p. 284)

Fiorin (2006, p.69), discutindo Bakhtin, ressalta que, mesmo para alguém que domine bem uma língua, é necessário ter o controle do(s) gênero(s) que ela requer para participar de determinada esfera de comunicação. “A falta de domínio do gênero é a falta de vivência de determinadas atividades de certa esfera. Fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros.” Segundo Bakhtin, muitas pessoas, mesmo dominando a língua, sentem-se pouco à vontade em certas esferas da comunicação verbal pelo simples fato de não dominarem os gêneros discursivos que circulam nessa esfera (Bakhtin, 2000, p.303).

Nesse sentido, “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” (Bakhtin, 2000, p. 302). É por isso que podemos afirmar que os gêneros discursivos organizam a nossa fala para que a comunicação possa acontecer.

Ainda segundo Bakhtin (2000), como os seres humanos interagem em diferentes contextos sociais, eles criam regras dentro destes contextos. Estas regras estão relacionadas não só ao comportamento social, mas também a escolhas

lingüísticas feitas em contextos específicos por razões específicas. Por isso, quando ensinamos gêneros discursivos tais como, receitas, convites, cartas, cardápios, telefonemas, entre outros, deve-se ensinar não só a estrutura da língua, como também o contexto onde o texto ocorre(u) e o propósito para se produzir o texto.

Pode-se concluir que uma das metas do ensino de língua estrangeira, portanto, consiste em fazer com que os alunos dominem os gêneros discursivos que circulam em sua esfera de comunicação, para que se tornem capazes de ocupar os diferentes lugares a partir dos quais possam falar e/ou escrever. À medida que conhecem e usam os diferentes gêneros, os alunos são capazes de controlar a linguagem, o propósito comunicativo, o conteúdo e o contexto.

A fim de entender a esfera de comunicação onde os alunos envolvidos neste estudo circularão, passo, agora, a algumas considerações acerca do conceito de Turismo.